

Interpretação do patrimônio histórico-cultural pela terceira idade da Universidade Estadual de Ponta Grossa: significância e ressignificação por meio da memória

Interpretation of historic and cultural heritage for the third age at the Ponta Grossa State University: significance and reframing through memory

Interpretación del patrimonio histórico-cultural por la tercera edad de la Universidad Estatal de Ponta Grossa: significancia y reinterpretación por medio de la memoria

Simone Aparecida Pinheiro de Almeida¹
Rita de Cássia da Silva Oliveira²

Resumo: Este relato está relacionado à memória quanto aos patrimônios culturais edificados da cidade de Ponta Grossa (PR), formada historicamente pelo ciclo econômico cultural do tropeirismo. O público participante são egressos da Universidade Aberta para a Terceira Idade da Universidade Estadual de Ponta Grossa em 2015. Durante a oficina apresentamos material midiático sobre as transformações de alguns patrimônios – a preservação ou destruição deles. Observamos que as narrativas dos participantes do programa são muito ricas e que eles ansiavam por dar voz às suas memórias, o que nos levou a pesquisar sobre o tema. A memória surge como um instrumento eficaz para fazer história, fazer ciência, colocar indivíduos em contato com sua vida passada. A memória é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já vivenciaram algo em uma sociedade que se transforma. A história oral como método de construção de memórias se faz necessária como recurso de pesquisa. A ressignificação foi o método empregado para levar os participantes a contribuir com a interpretação e a narração dos espaços históricos da cidade. Ao mesmo tempo em que o professor ensina, ele aprende com a história de vida dos depoentes, que não cansam de dar ressignificação aos patrimônios histórico-culturais locais.

Palavras-chave: patrimônio histórico-cultural; ressignificação; memória na terceira idade; história oral.

Abstract: This report is related to the memory pertaining to the cultural heritage build in the city of Ponta Grossa (PR) historically formed by the economic and cultural cycle of cattle herders. The participants came from the Third Age Open University of the State University of Ponta Grossa in 2015. During the workshop we showed media materials about the changes in some heritages, their preservation or destruction. We noticed that the narratives of participants were very rich and they wanted to show their memories and this led to research this theme. The memory emerges as an effective instrument to make history, do science, to put individuals in touch with their past lives. The memory is a construction of now elderly people who have already experienced something in a society that has transformed itself. The oral history as a method of building memories is necessary as a search feature. The reframing was the method used to lead participants to contribute to the interpretation and narration of historical spaces of the city. While the lecturer teaches he learns through the life stories of the participants who never tire giving reframing to local historical cultural heritages.

Keywords: historical cultural heritage; reframing; third age memory; oral history.

¹ Licenciada em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), bacharel em Turismo pela Universidade Católica de Brasília, graduada em Ciências Sociais e em Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes), especialista em Educação Patrimonial pela UEPG, em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), em Mídias na Educação e em Educação do Campo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali), doutoranda em Educação pela UEPG. Professora de História da Educação Básica do Estado do Paraná.

² Pedagoga pela UEPG, doutora em Filosofia e Ciências da Educação e pós-doutora pela Universidade de Santiago de Compostela. Professora da Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – e do Departamento de Educação da UEPG. Coordenadora da Universidade Aberta para a Terceira Idade (Uati) da UEPG.

Resumen: Esta descripción se relaciona a la memoria como a los patrimonios culturales construido de la ciudad de Ponta Grossa (PR), históricamente formada por ciclo económico cultural del tropero. Las personas participantes son graduadas de la Universidad Abierta para la Tercera Edad de la Universidad de Ponta Grossa en 2015. Durante el taller se presentó material de los medios de comunicación sobre la transformación de algunos patrimonios, la conservación o la destrucción de ellos. Hemos observado que las narrativas de los participantes del programa son muy ricas, y que ellos estaban ansiosos por dar voz a sus recuerdos, lo que nos llevó a la investigación sobre este tema. La memoria surge como una herramienta eficaz para hacer historia, hacer ciencia, colocar personas en contacto con su vida pasada. La memoria es una construcción de personas ahora envejecidas que ya vivieron algo en una sociedad que cambia. Se necesita la historia oral como método de recuerdos de la construcción como un recurso de investigación. Una reinterpretación fue el método utilizado para llevar a los participantes a contribuir con la interpretación y la narración de las zonas históricas de la ciudad. Mientras que el hablante lo enseña aprende con la historia de vida de los testigos que no dejan de dar la reinterpretación a los patrimonios históricos-culturales locales.

Palabras-clave: patrimonio histórico cultural; reinterpretación; memoria en la tercera edad; historia oral.

INTRODUÇÃO

Ponta Grossa, localizada nos campos gerais do Paraná, apresenta um conjunto de patrimônio cultural de valor significativo, resultado do histórico caminho das tropas. Os tropeiros foram os responsáveis pela integração da Província de São Pedro do Rio Grande ao resto do Brasil, levando e trazendo hábitos e notícias, originando povoações por onde passavam.

O movimento das tropas, que representou o principal recurso de transporte e o forte comércio entre Viamão e Sorocaba, tinha nesses pontos dos campos gerais, região que vinha sendo desbravada, caminho obrigatório e parada para pouso. Tal posição inspirou o nascimento de atividades comerciais que foram se desenvolvendo até alcançar alto significado econômico, levando Ponta Grossa a atingir a condição de maior centro atacadista e de distribuição de mercadorias do estado.

Os locais de pouso dos antigos tropeiros acabaram por originar muitos municípios, como a cidade aqui apresentada. Para tanto, estudar os patrimônios e a história local é algo que pode ser feito também por meio da história oral.

Entre as questões conceituais que despertam maior interesse na abordagem da interpretação e ressignificação dos patrimônios culturais, destacam-se os relatos orais da terceira idade, obtidos por meio da memória em relação aos patrimônios culturais e à transformação por que estes passaram ao longo do tempo. As universidades abertas para a terceira idade constituem espaços de rememoração de histórias, ricas em lembranças (BOSI, 1994).

O Programa Universidade Aberta para a Terceira Idade da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Uati-UEPG) foi criado em 1992 com o objetivo de trabalhar a educação permanente. Já em 1994 foi criada a Universidade Continuada para a Terceira Idade (Ucti), com o intuito de acolher os idosos que já haviam participado por tempo determinado pelo programa e gostariam de retornar. O objetivo desse programa é integrar a pessoa idosa na comunidade acadêmica, valorizando seus fazeres, saberes e a memória histórica.

Para a discussão em relação ao tema memória histórica, recorreremos à historiografia da Nova História na perspectiva de Jacques Le Goff (1993), o qual defende que a realidade

é social e culturalmente construída. “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, p. 2003, 422).

A fundamentação historiográfica permitiu auxiliar na construção teórica e no planejamento de atividades que iriam recorrer à memória como suporte didático para descrição dos lugares de memória em relação ao patrimônio histórico-cultural local.

Durante o programa Uati-UEPG os alunos assistem a aulas com diferentes temáticas uma vez por semana. Assim, em fevereiro de 2015 apresentamos para o grupo da terceira idade a temática patrimônio histórico-cultural, teorizando e mostrando imagens dos patrimônios edificados, tombados pelo estado do Paraná e pelo conselho local, presentes em Ponta Grossa (PR). Os participantes da oficina, de maneira espontânea, rememoraram os monumentos históricos apresentados e deram ressignificação a eles, situando-os no espaço e na história por meio da narrativa evocada pela memória, que de certa maneira foi sendo aos poucos revitalizada. A técnica de ressignificação e interpretação, de acordo com Murta e Goodey (2002), permite atribuir valor aos patrimônios, lembrando dos espaços com carinho. A atividade resultou em momentos de trocas de narrativas ricas e prazerosas entre os participantes.

INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL

O patrimônio cultural, terminologia substitutiva de patrimônio histórico e artístico, é constituído de unidades designadas “bens culturais”. Por sua vez, podemos definir “bem cultural” como “toda produção humana de ordem emocional, intelectual e material, independentemente de sua origem, época ou aspecto formal, bem como a natureza, que propiciem o conhecimento à consciência do homem sobre si e sobre o mundo que o rodeia” (GODOY, 1985, p. 72).

A conceituação anteriormente citada propõe uma visão mais aberta e o mais abrangente possível, pois a produção cultural humana constitui um processo em curso, em constante e permanente transformação, cuja diversidade e riqueza ultrapassam os limites de modelos técnicos.

Varine-Bohan (1975) foi o primeiro a se preocupar em classificar o patrimônio cultural de forma bastante abrangente e interdisciplinar. Segundo ele, o patrimônio cultural pode ser dividido em três grandes categorias de elementos: natureza, imaterial, material.

Cherem (1999, p. 235) destaca:

Cada comunidad, área e localidad del mundo tiene una identidad patrimonial única, la cual incluye a su patrimonio cultural y a su patrimonio natural, a lo largo del tiempo y hacia el futuro. Para ayudar a documentar y organizar las historias naturales y culturales de un área, formulé un instrumento llamado la matriz de identidad patrimonial o más simplemente la matriz de la historia.

A matriz da história é uma ferramenta de organização para documentar e estabelecer de maneira equilibrada categorias de todas as histórias de identidade patrimonial de uma região ao longo do tempo. Ao determinar categorias de história regional, é necessário dizer que todas as regiões têm histórias vivas, de sonhos e de mortes. O propósito dos programas de interpretação das comunidades é descobrir, reviver, revitalizar, fortalecer a memória, conservando as histórias, já que elas definem de maneira coletiva o sentido de lugar como único para uma localidade.

Pontuamos que, quando as histórias de identidades patrimoniais únicas de uma região são registradas, organizadas, guardadas e contadas (aos residentes e aos visitantes de maneira

igual), obtém-se a base sólida de um programa de interpretação de uma comunidade que atribui importância a suas raízes históricas.

A manutenção do patrimônio histórico, em sentido amplo, faz parte de um processo maior ainda, constituído pela conservação e recuperação da memória, contribuindo assim para a preservação da identidade dos povos.

Bosi, em *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994), apresenta importante contribuição aos estudos sobre memória, especialmente a dos idosos. É importante salientar a contribuição dos idosos, geralmente dada com prazer. Diz um dos entrevistados de Bosi (1994, p. 158): “*Veja, hoje a minha voz está mais forte do que ontem, já não me canso a todo instante. Parece que estou rejuvenescendo enquanto recordo*”.

Ao questionar qual seria a função da memória, Bosi (1994, p. 56) acrescenta:

O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual.

As pessoas mais velhas, que seriam a princípio as depoentes buscadas pelos pesquisadores, frequentemente não têm quem as escute ou pelo menos quem atribua importância à sua fala. Desse modo, a atenção e o interesse do pesquisador são por eles valorizados e, em contrapartida, a investigação se enriquece.

Para Baczko (1982), o processo de construção da memória é trabalhado com suas dimensões e funções. Segundo ele, as dimensões da memória são: “*Dos acontecimentos: memória ardente, avalanche de manifestações, comemorações, festas e símbolos. Das estruturas: memória mais profunda, manifestação das tendências de longo período*”. E as funções da memória são:

Unificadora: acompanhada por um discurso sobre a origem de um movimento; resgata elementos em comum acerca das diferenças ideológicas, estratégicas etc. Manifesta-se nas relações entre diferentes gerações.
Compensadora: acompanhada de representações e de símbolos do passado (BACZKO, 1982, p. 155).

A lembrança é a sobrevivência do passado. Este, se conservado no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança. Na busca da memória encontra-se a lembrança que as pessoas idosas têm. Nelas se verifica uma história social bem desenvolvida, pois elas já passaram por um contexto social com características bem marcadas e conhecidas, já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis; enfim, sua memória atual pode ser desempenhada de maneira bem mais definida do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta.

Considera-se a memória de pessoas ou grupos como patrimônio, pois a cidade não deixa jamais de ser humana. São os próprios ciclos da vida que a tornam dinâmica e atuante; a memória possibilita a relação do passado e do presente. É a história viva e vivida que se renova ao longo dos tempos.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma atividade fundamental dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 2003, p. 469).

A continuidade e a contiguidade com o passado nos dão certeza das nossas raízes culturais, permitindo traçar uma linha na qual nosso presente se encaixe. Possibilitam-nos ainda saber quem somos, onde vivemos, ou seja, que tenhamos uma identidade.

É pertinente lembrar que a memória é importante na construção da identidade e da cidadania cultural. A memória de um povo faz com que se perceba na fisionomia do bairro sua própria história. Ela se enraíza no espaço que nos circunda, na terra, nos objetos que usamos. Assim as pessoas se lembram, narram sua trajetória e as mudanças ocorridas num determinado espaço.

Sobretudo vale mencionar Oriá (1997, p. 129):

[...] é a memória dos habitantes que faz com que eles descrevam suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que se esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois se perde o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeitos da história.

As obras de Halbwachs (1990; 2004) estão entre as primeiras a abordar estudos sobre memórias sociais coletivas, exercendo grande influência sobre os historiadores da memória.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória coletiva envolve as memórias individuais, porém não se deve confundir as duas.

A memória individual não está inteiramente fechada e isolada. O homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. [...] nossa memória não se confunde com as dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo. A memória coletiva o é também: mas esses limites não são os mesmos (HALBWACHS, 1990, p. 54).

Halbwachs (2004) distingue a memória individual como interior ou interna e a coletiva como memória do exterior. Uma é memória pessoal, e a outra, social. A memória coletiva também se diferencia da história por reter do passado aquilo que ainda está vivo na consciência do grupo que a mantém. A memória histórica caracteriza-se como a reconstrução dos dados fornecidos pelos sujeitos do presente que se projetam no passado para rememorar.

Halbwachs (2004, p. 106) discorre sobre a importância de dar voz à memória:

Nuestra memoria, sin duda, retorna, a medida em que avanzamos, buena parte de lo que parecia haberse escurrido, aunque de una forma nueva. Todo sucede como cuando un objeto es visto bajo um ángulo diferente, o cuando es iluminado de manera diferente: la distribución nueva de las sombras y da luz cambian a tal punto los valores de las partes que, reconociéndolas, no podemos decir que hayan permanecido tal como eran.

Assim, a contribuição de Halbwachs fortalece o entendimento de que a sociedade se modifica com o passar dos anos, representando o passado de diferentes maneiras. Com base nas memórias individuais é possível construir uma memória coletiva. O passado conserva-

se intacto nas memórias individuais como se não tivesse passado por tantas experiências. As recordações são evocadas e relacionadas à linguagem, o que nos permite construir a cada momento o passado.

Ainda em relação à memória coletiva, Gondar (2005, p. 16) pontua:

Pensar a memória como uma reconstrução racional do passado, erigida com base em quadros sociais bem definidos e delimitados, como o fez Halbwachs, leva-nos a um tipo de posicionamento político: afirmar, em contrapartida, que a memória é tecida por nossos afetos e por nossas expectativas diante do devir, concebendo-a como foco de resistência nos seios das relações de poder [...].

Dando continuidade a sua discussão, Gondar (2005) acrescenta que uma lembrança ou um documento jamais é inofensivo; ele é resultado de uma montagem da sociedade que o produziu de maneira intencional.

Pesquisar memórias para construir história requer a instauração de um novo tipo de relação com o passado, com base em novos pressupostos e procedimentos. A história não pode se apoiar somente em documentos; ela deverá ser construída também por outras fontes.

A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades (BOSI, 1994, p. 15).

Em “Memoria: mucho más que memorizar”, Wagner (1999, p. 354) trabalha questões relativas à memória e sua contribuição para a construção de uma história local:

La memoria es una construcción en permanente actividad, así como su papel en la lucha simbólica diaria y en la lucha política fundamentalmente [...] la complejidad del proceso de construcción de la memoria al identificar los actores y los factores que en él intervienen; así como los núcleos, formas y lugares en los que se manifiesta la memoria. Hacer memoria es mucho más que memorizar.

A autora, em seu trabalho, procura demonstrar a importância da memória e a sua relação com a história. O imaginário e a memória surgem como uma trajetória através do tempo. São inseparáveis; são guardados e surgem com o tempo como representações que haviam se perdido e precisavam ser recuperadas e transformadas em prática social.

Essas representações têm um caráter social. Elas se orientam e produzem imagens globais da sociedade e de tudo que se relaciona com elas (atores sociais, instituições políticas, relações de poder etc.) e ao mesmo tempo despertam a atividade imaginativa individual em um fenômeno coletivo.

As modalidades de imaginar, de reproduzir e renovar o imaginário, como as de sentir, pensar, crer, variam de uma sociedade para outra, de uma época para outra e, por conseguinte, têm uma história.

É numa sociedade histórica que se constroem representações e símbolos e, dentro dela, particularmente, a memória. É também na história que consultamos e estudamos uma determinada sociedade para entender seu legado cultural (NORA, 1993).

A eleição social dos símbolos urbanos é uma constante na vida das cidades. Assim são as edificações, os acidentes naturais e os marcos construídos pelos homens, as ruas, as praças – “símbolos funcionam como lugares de memória” (NORA, 1993).

TERCEIRA IDADE: HISTÓRIA ORAL

De acordo com o IBGE (2015) e com Alves Jr. (2009), a população mundial, a brasileira particularmente, está envelhecendo progressivamente. Isso implica a emergência de novas prioridades e exigências nos diferentes níveis da organização social, resultando em novos olhares direcionados às esferas política, econômica e cultural.

O expressivo aumento de idosos na população é um dado relevante que influenciará na elaboração de políticas públicas que assegurem a qualidade no atendimento a esse segmento.

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A idéia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para as novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos (DEBERT, 2004, p. 14).

Simone de Beauvoir (1990, p. 17) apresenta contribuições para a descrição da velhice:

[...] A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta idéia está ligada à idéia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Um tal paradoxo desconhece a essencial verdade da vida; esta é um sistema instável no qual, cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo de morte. Mudar é a lei da vida.

Beauvoir apresenta na primeira parte de sua obra uma descrição histórica do pensamento que se tinha em relação ao idoso desde as sociedades primitivas até o século XIX. A autora menciona que os idosos pobres não aparecem na história nem na literatura em determinados períodos. As literaturas analisadas por Beauvoir citam que, como as mulheres foram inferiorizadas ao longo da história, as idosas não estão em evidência nos registros mais antigos sobre o envelhecimento humano (BEAUVOIR, 1990).

Novas definições de velhice e de envelhecimento ganharam expressão com a denominação de “terceira idade”. Tal categoria surgiu na França nos anos 1970 quando da implantação das *universités du troisième âge* (universidades da terceira idade). Vale ressaltar que o primeiro modelo de universidade da terceira idade foi implantado em 1974 por Pierre Vellas, em Toulouse (França).

A história oral já integra o debate sobre a função do conhecimento histórico e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais. Sem dúvida a história oral é hoje parte inerente dos debates sobre tendências da história contemporânea.

Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nesta medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais do que isto, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem (MEIHY, 1997, p. 10).

O trabalho com a história oral torna-se dinâmico e interessante, principalmente quando se trata da memória de pessoas, pois elas procuram narrar tudo que possa contribuir para a construção e o resgate da história de um lugar. Nesse sentido encontramos em Thompson (1992, p. 15) as contribuições da história oral:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só de dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados e especialmente os idosos a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois a compreensão – entre classes sociais e entre gerações.

Realizar um trabalho voltado para a história oral tem sua importância, pois ela atua em áreas ligadas a depoimentos, experiências de vida. Sendo o sujeito primordial desse tipo de história, o depoente tem maior liberdade para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal. Nesse caso, deve-se dar a ele espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade.

A memória individual e coletiva transmite-se oralmente e também por meio de textos, documentos e rituais coletivos; é o que as pessoas nos contam por meio das suas experiências.

PERCEPÇÕES DA APLICAÇÃO DE OFICINA NA UATI/UEPG

“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda,
e como recorda para contá-la.”
(Gabriel García Márquez, 2003)

Após exposição oral sobre o ciclo econômico cultural do tropeirismo enquanto contribuição para a formação histórica da cidade e conceitos relacionados a patrimônio histórico-cultural, apresentaram-se imagens dos patrimônios históricos edificados, bem como a história e a importância deles. A cada imagem os participantes puderam lembrar, por meio da memória, dando nova ressignificação às imagens e descrevendo situações vivenciadas por eles, ou lembrando situações próximas a eles.

O objetivo da atividade era valorizar a experiência das pessoas mais velhas e perceber como objetos e imagens podem trazer lembranças de um tempo passado. Algumas dessas memórias foram registradas por escrito.

Esse contato com a terceira idade da Uati/UEPG contribuiu para refletir sobre a importância de darmos voz, de incentivarmos a rememoração das memórias muitas vezes escondidas. Dessa maneira o grupo teve a oportunidade de resgatar as lembranças que ainda estão vivas em suas memórias durante a aplicação da oficina.

A memória como função social reverte-se em riqueza e valorização da história que ainda não conhecemos, pois toda memória tem uma história.

Com base na afirmação “Toda cidade tem uma história, uma memória”, foram apresentadas algumas perguntas aos participantes:

- O que eu entendo por memória histórica?
- Quais são as memórias que tenho de minha cidade?
- O que já foi destruído na cidade e que em algum momento significou muito para mim?
- Como as novas e as futuras gerações podem mudar o futuro da cidade preservando a memória histórica?

Selecionamos para esse momento apenas alguns depoimentos que esclarecem sobre a importância de lembrar, dar significado aos patrimônios históricos como referencial da identidade cultural.

Utilizamos para essa descrição apenas o primeiro nome dos participantes, os quais prontamente se colocaram à disposição, realizando seus depoimentos de maneira oral e posteriormente escrita. A pesquisa contou com o termo de consentimento livre e esclarecido, para dar segurança aos participantes.

Em relação ao que entendemos por memória histórica, seguem alguns depoimentos:

“É tudo que se relaciona com a vivência de um povo, de uma cidade. Envolve as cantigas, o folclore, a história de um povo” (Sra. Neuza, 66 anos).

“Eu entendo por memória histórica as memórias do passado de minha cidade, por exemplo, indígenas, tropeiros, ouro, tudo anteriormente. Meus avôs tinham fazenda onde hoje é a cidade” (Sra. Maria Ivone, 65 anos).

“Memória histórica é a identidade de um povo e suas raízes, suas canções que contam a sua história” (Sr. Sandoval, 60 anos).

“Memória histórica são patrimônios que têm que ser preservados pois contam a história das cidades para as pessoas” (Sr. Acir, 60 anos).

“Memórias históricas são aquelas que estão marcadas há muito tempo, que foram construídas, e mais tarde foram restauradas para preservar a memória para as futuras gerações” (Sra. Rosa, 70 anos).

“Entendo por memória histórica tudo que é resultado da passagem do caminho das tropas por estes Campos Gerais, cavalarias, boiadas” (Sr. Lorivaldo, 71 anos).

“Entendo que são lembranças de um passado que ficou na saudade” (Sra. Neusa, 68 anos).

A narrativa em relação ao que se entende por memória histórica deixou claro que os depoentes sabem o que significa memória e qual a importância dela. Deram significado às imagens apresentadas no momento da exposição oral, conseguindo transpor para uma didática da história.

Em relação à pergunta “Quais são as memórias que tenho de minha cidade?”, descrevemos algumas respostas:

“Lembro-me do Cine Império, que não existe mais, e o Cine Pax, que foi restaurado. Lembro das festas juninas, festa do pinhão, onde tinha a coroa da rainha da cidade na festa no pinhão” (Sra. Maria Ivone, 65 anos).

“Tenho lembranças presentes na minha memória do Ponto Azul, da Estação Saudade e do Hospital 26 de Outubro, e dos ônibus que eram diferentes dos carroceiros” (Sra. Celia, 62 anos).

“Sinto falta do Cine Império e da antiga catedral que foi demolida” (Sra. Nelci, 72 anos).

“As lembranças que tenho em minha memória é dos trens que circulavam na estação ferroviária” (Sra. Neusa, 68 anos).

“Lembro do tombamento da estação ferroviária e da Catedral Sant’Anna” (Sr. Lorivaldo, 71 anos).

“Tenho memória da Estação Saudade, onde meu pai trabalhou, do Cine Império, onde assisti vários filmes” (Sr. Acir, 60 anos).

“Tenho saudade do Ponto Azul, que era o único lugar que vendia sorvete, e as crianças iam brincar. Íamos também na Praça dos Bichos, que hoje não existe mais” (Sra. Marise, 60 anos).

“Transporte do trem de passageiros e dos tropeiros que tocavam a boiada” (Sr. Sandoval, 60 anos).

As lembranças presentes na memória evocaram muitos patrimônios já destruídos por falta de interesse das políticas públicas e do envolvimento da comunidade como sua guardiã. Das descrições, destacamos a mais evocada pela memória individual e coletiva: a Estação Saudade. O prédio pertence ao complexo ferroviário e foi restaurado em 2004, porém, sem os cuidados necessários, sofre com as pichações. O complexo ferroviário faz parte da memória e da história da população ponta-grossense.

A primeira estação foi inaugurada em 1894, pelo Prefeito Manoel Vicente Bittencourt. Compreende dois pavimentos no corpo central, com três janelas no sobrado e três portas no térreo, ladeadas por duas alas: uma com uma porta e outra com duas. Construção meramente utilitária, tem nas vergas de arco abatido com chave saliente os únicos elementos ornamentais. A cobertura é em duas águas. O local era o ponto de embarque e desembarque dos passageiros da Linha Férrea Paraná, entre Ponta Grossa e Curitiba. Com o crescimento da ferrovia e conseqüente aumento dos passageiros e transporte de cargas, foi necessário construir o barracão que fica ao lado da Estação. Em 1910, este barracão foi reformado, passando a ser de alvenaria, depois de sofrer um incêndio. Em 1906 foi construído o terceiro prédio, a Estação Saudade. Então, a Estação Paraná passou a abrigar a parte administrativa da Rede no seu primeiro piso, enquanto no andar superior morava o Diretor da Rede. O prédio foi utilizado desta forma, aproximadamente até a década de 70, quando começaram a ser retirados os trilhos da área central da cidade. Em 30 de maio de 1990, todo o conjunto foi tombado pelo Patrimônio Histórico. Em 7 de setembro de 1995, foi inaugurada a Casa da Memória, que é uma entidade destinada a manter um espaço permanente para exposições de temas históricos ou relacionados a datas comemorativas, local em que são guardados o acervo histórico documental de Ponta Grossa e Região, além da restauração de documentos e encadernações (ALMEIDA, 2003, p. 144).

As imagens dos bens tombados estão disponíveis na página da Secretaria de Turismo e Cultura do município de Ponta Grossa. Todo o complexo da estação de passageiros da estrada de ferro foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Paraná em 1990 (Estação Saudade, Estação Paraná, Estação Arte). As estações são um marco da transformação urbana da cidade e do desenvolvimento da região, fortalecendo Ponta Grossa como entroncamento econômico regional.

Em relação à pergunta “O que já foi destruído na cidade e que em algum momento significou muito para mim?”, algumas descrições estão presentes nas memórias transcritas anteriormente, como a destruição da antiga catedral Sant’Anna, a demolição do Ponto Azul, o Cine Império, entre outros.

A abordagem sobre a pergunta “Como as novas e futuras gerações podem mudar o futuro da cidade preservando a memória histórica?”, os depoentes dialogaram coletivamente e registraram individualmente suas percepções:

“Iniciando com a educação nas escolas e mudando a mentalidade sobre história, assim vão preservar a memória histórica coletiva” (Sr. Sandoval, 60 anos).

“Ensinando meus netos a preservar e estudar sobre as origens e tradições” (Sra. Nelci, 72 anos).

“A questão será da educação escolar e familiar, levá-los a tomar consciência que se deve saber para preservar” (Sra. Ana Íria, 54 anos).

“As novas e futuras gerações podem mudar preservando o que hoje existe, não destruindo nada dos patrimônios que temos” (Rosa, 70 anos).

Percebeu-se na fala dos participantes que a educação patrimonial seria uma opção a ser trabalhada nas escolas.

A educação patrimonial parte da compreensão da diversidade de manifestações que formam o que denominamos patrimônio cultural, considerando que a memória e os bens culturais de cada pessoa são uma riqueza subjetiva desconhecida e desvalorizada, podendo ser trabalhada em uma prática pedagógica e coletiva do Ensino de História e das demais disciplinas em uma concepção interdisciplinar.

O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente (GONDAR, 2005, p. 17).

As memórias dos depoentes da Uati-UEPG relativas ao tema encontram-se registradas em fonte documental e foram autorizadas pelos depoentes, que de maneira prazerosa puderam expor suas lembranças e colaborar com este relato.

A contribuição da historiografia da Nova História fortalece a discussão de que a história não se faz só com documentos escritos, pois se percebe que a partir da década de 1960 se iniciou um interesse pela memória coletiva e pela história de cidadãos comuns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade de oficina que resultou em um conjunto de memórias teve como objetivo valorizar as experiências das pessoas mais velhas, registrando-as em material escrito. Os fragmentos de memórias foram mencionados no primeiro momento de maneira oral e logo registradas de forma documental, o que resultou somente na descrição da percepção dos depoentes.

Na atualidade, a herança cultural parece constituir-se não somente de grandes manifestações artísticas e monumentais da história humana, mas também de elementos que formam pontos de referência para uma comunidade. Esses elementos se relacionam em uma nova concepção integrada da herança que abrange países históricos, manifestações artísticas, restos arqueológicos, traços característicos da origem e evolução da urbanização local.

Considera-se o patrimônio cultural como resultado das relações sociais que se expressam em forma material e não material – a primeira por meio de monumentos, arquitetura urbana, registros e imagens de fotografias, e a segunda, por intermédio de usos, costumes e valores que ainda permanecem vigentes através das gerações, confirmando sua identidade cultural.

O patrimônio cultural é a representação da memória coletiva e dos bens que o integram, a materialização dessa memória; os elementos que constituem o patrimônio cultural são testemunhas da forma pela qual uma sociedade e sua cultura se relacionam com seu ambiente.

É fundamental resgatar a memória histórica por meio da imagem como testemunho do processo de transformação, com o objetivo de fortalecer a identidade cultural local e também para que tais testemunhos constituam um elemento de vital importância da expansão da atividade turística, a qual contribui com o desenvolvimento social e econômico de uma sociedade.

As universidades abertas para a terceira idade objetivam propiciar qualidade de vida e um envelhecimento ativo e independente para uma população idosa que se torna cada vez mais numerosa, oferecendo programas culturais, sociais e educativos com uma vasta diversidade.

As instituições dirigem seus objetivos para a autoestima e a integração social (aceitar sua condição de idoso e mobilizar suas energias na interação com os outros), mediante a produção de saberes, conhecimentos e competências e a aquisição deles.

Nesse cenário historiográfico, inserimos como estudo as universidades abertas para a terceira idade como local de encontro, de construção do saber, de socialização, rico em relatos, lembranças e memória. Essas universidades configuram-se como espaços de socialização e afirmação da identidade, pois desde que foram inauguradas no Brasil têm contribuído para a emancipação daqueles que estão nessa fase de vida.

Para abordar a memória na terceira idade, faz-se necessário utilizar como recurso a história oral de vida. Os relatos poderão ser espontâneos sobre vivências pessoais, as quais envolvem elementos de caráter social, familiar, político, cultural, grupal e individual.

A narrativa dos depoentes constitui material rico para a reconstrução da memória, pois toda memória tem uma história, que pode ser relembada individual ou coletivamente, a respeito de um determinado assunto ou um conjunto de assuntos ligados a educação, cultura, política, religião, entre outras temáticas. As narrativas têm como ponto de partida experiências vividas no passado que são contadas e lembradas a partir do presente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. A. P. de. **Desenvolvimento regional do turismo em áreas com potencial cultural e natural:** gestão compartilhada na micro-região sul dos Campos Gerais – PR. 2003. Dissertação (Mestrado)–Universidade do Vale do Itajaí, Camboriú, 2003.

ALVES JR., E. de D. Aspectos sociodemográficos de um país que envelhece: o exemplo brasileiro. In: _____ (Org.). **Envelhecimento e vida saudável.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2009. p. 13-26.

BACZKO, B. La Polonia de Solidaridad: una memoria explosiva. In: _____. **Los imaginários sociales:** memorias y esperanzas colectivas. Buenos Aires: Nueva Visión, 1982.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice.** Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHEREM, G. J. Interpretación de la comunidad: la clave para el turismo adecuado – historias nuevas e historias viejas, historias guardadas e historias contadas. In: McINTOSH, R. W.; GOLDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B. **Turismo:** planeación, administración y perspectivas. México: Limusa, 1999.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2004.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GODOY, M. C. Patrimônio cultural: conceituação e subsídios para uma política. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA EM MINAS GERAIS, 4., Belo Horizonte, 1985. **Anais...** Belo Horizonte: ANPUH, 1985.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Unirio, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/censo/censo-2010.html>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

LE GOFF, J. **A história nova**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1997.

MURTA, S. M.; GOODEY, B. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Orgs.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG; Território Brasilis, 2002. p. 13-46.

NORA, P. Entre memória e história. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 6-39, dez. 1993.

ORÍÁ, R. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VARINE-BOHAN, H. **Patrimônio cultural**: a experiência internacional. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; Instituto do Patrimônio Artístico Nacional, 1975.

WAGNER, D. M. Memória: mucho más que memorizar. In: AMARAL, M. C. **III Encontro Perspectivas do Ensino de História**. Curitiba: Aos Quatro Ventos; UFPR, 1999.